



DA IMUNDICIE



AO ASSEIO

A TRANSFORMAÇÃO MORAL E FÍSICA DOS INDÍGENAS É O MAIS ALTO TESTEMUNHO A FAVOR DA OBRA MISSIONÁRIA



DOS IDOLOS AO CULTO DO DEUS VIVO



DA DOENÇA



A SAÚDE



DA POCILGA



AO LAR CRISTÃO



DA OCIOSIDADE



AO TRABALHO UTIL

FIGAREIS VÓS INDIFERENTES A ESTA OBRA CRISTÃ E HUMANITÁRIA ?

O Evangelho a todo o mundo

Tempos de Guerra

Por essa Europa além respira-se uma atmosfera de guerra e de luto. Há centenas de órfãos e viú-

vas privados de seus queridos entes pela brutalidade estúpida das balas.

Enquanto porém tantos sofrem e choram, Portugal continua intacto, sorridente, despreocupado quasi — e Deus permita que por muitos anos.

O toque estridente dos clarins desperta nas trincheiras os sonolentos soldados e dá-lhes uma nova vida e um novo alento.

O seu eco longínquo chega até nós, através dos jornais e dos rádios, e deve despertar-nos também para nova vida e outrossim infundir-nos nunca sonhados alentos.

Carecemos de despertar para as realidades epi-

rituais que nos cercam e que nos esperam. À concepção materialista da vida opunhamos a valorização dos factores espirituais. À vesânia brutal da força, respondamos com a afirmação cristã do amor.

Neste momento há milhões que sofrem, desprovidos de pão material e de pão espiritual, e que carecem que se lhes anuncie a mensagem mais oportuna para os nossos dias — a mensagem do Evangelho.

Vivemos em tempos de sacrifícios. Sacrificam-se os que combatem nos campos de batalha, sacrificam-se os que sofrem por falta de pão, sacrificamo-nos nós também para que um pouco de luz e de conforto possam ser levados, por meio do Evangelho, aos que jazem nas trevas do paganismo e da barbárie.

Os indígenas aguardam o missionário que lhes leva a luz e a paz



As missões cristãs e a colonização

As missões cristãs têm como supremo objectivo uma cruzada de amor — amor a Deus e amor ao próximo. É este amor ao próximo, ou caridade, que as leva à nobilíssima tarefa de bem fazer.

Por esse mundo além, nos grandes aglomerados ou nas selvas incultas, se adivinha o missionário carinhosamente debruçado sobre o sofrimento humano, num desejo irremovível de o acolher e aliviar.

Mas ao lado desta beneficência humilde e abnegada de tantos missionários que ninguém conhece, organizam-se metódicamente serviços de protecção e assistência médica, e por toda a parte se erguem edifícios onde a miséria é recolhida desde a infância à velhice. Entre os pagãos, as missões cristãs têm disseminado largamente lactários, creches, orfanatos, hospitais, sanatórios e leprosas; nos dispensários de muitas missões recebem diariamente curativos enfermos de todas as idades e condições; em suma, onde-quer-que se esconda a miséria, aí se encontrará também o missionário a remediá-la.

Sob o ponto de vista higiénico o missionário inculca uma perfeita reforma de vida, levando o indígena a abandonar todas as práticas nocivas, como o uso do tabaco, do álcool, de estupefacientes e de tudo quanto degrada a nossa dignidade de homens e de cristãos.

Não só pela obra médica e higiénica se encontra o missionário a bem fazer. Quantas vezes não é pelo caminho que conduz ao estômago que se alcança o coração! E por isso de todas as maneiras se procuram assegurar ao indígena os meios de acudir às suas necessidades puramente materiais, quer auxiliando-o directamente, quer ensinando-lhe trabalhos úteis com que consiga manter-se.

Sob o ponto de vista educacional continua ainda o missionário bem-fazendo. Para avaliar a importância civilizadora das escolas cristãs, basta observar que em toda a África 90 % da educação administrada aos pretos é obra das missões.

Ao lado da instrução primária ou secundária



Régulo africano que ofereceu liberal assistência para o estabelecimento de um hospital em suas terras

dada aos alunos das missões, a obra educacional revela-se ainda na criação ou desenvolvimento de várias literaturas indígenas. E como a doutrina cristã se encontra nas Sagradas Escrituras, e que estas se acham ou vão sendo publicadas em todas as línguas e dialectos, línguas havendo que se hoje têm forma escrita unicamente o devem aos missionários.

Sob o ponto de vista cívico as missões cristãs preconizando e seguindo as normas bíblicas de respeito e obediência às autoridades, constituem um ótimo elemento de ordem e de patriotismo.

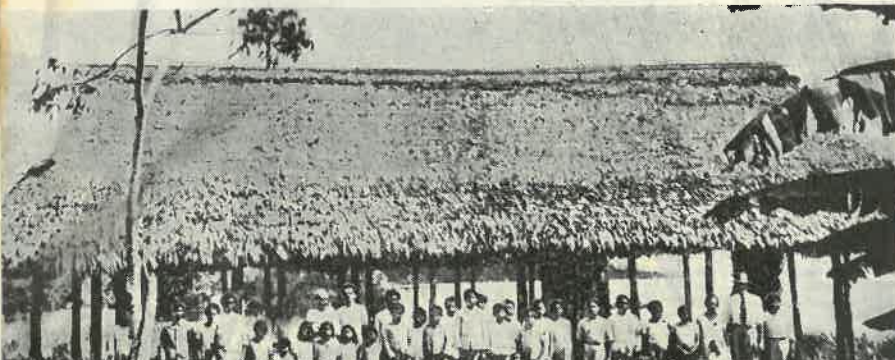
Finalmente a pregação pura e simples dos princípios cristãos traz consigo notável elevação moral do indígena, tornando mais humanos os seus costumes por vezes sangrentos e cruéis, e corrigindo os seus vícios e defeitos. É assim que, graças à cooperação missionária, têm desaparecido os sacrificios humanos, a antropofagia, a escravatura, a poligamia. E em seu lugar, pelo ensino da lei moral, pela

reforma do carácter e do corpo pela valorização total da vida surgem as virtudes cristãs, e

Escola adventista e seus respectivos alunos

va-se a cor-
dição da mu-
lher, santifi-
ca-se o mu-
trimónio, da-
-se ao homem o sentimento de sua dignidade, assegura-se a paz no seio das famílias e nas relações sociais.

(Conclue na página 14)



AFRICA



balha sob os pontos de vista religioso, médico e escolar.

Ai temos um hospital e uma leprosaria, belamente montados, com médico missionário e enfermeiras, onde centenas de doentes têm recebido curativos. Ainda há pouco que só desta missão e das escolas anexas foram baptizadas mais de citemta almas. O trabalho está em vias de progresso; cada vez maior, graças a Deus.

Encontro-me actualmente na missão da Luz, em pleno mato, onde primitivamente estive. A povoação civilizada mais próxima é Vila Luso, a uns 160 quilómetros. Só de quinze em quinze dias tenho correio de lá, trazido por um rapaz, que têm de fazer êsse trajecto a pé, à média de 60 ou 70 quilómetros por dia. Se alguém na metrópole assim andasse, creio que seria o campeão das corridas de resistência.

Por terras de Angola

Há qualquer coisa na vida missionária que nos seduz e atrai por uma forma tão irresistível, que apesar dos espinhos que a cercam, se nos apresenta como a mais atraente das vidas.

Vai para pouco mais de dois anos que me despedia com saúde da missão do Cuale e me dirigia deabalada até à metrópole. Doença pertinaz se apoderara de minha companheira de alegrias e sofrimentos, e uma ténue esperança nos levava a procurar alívio e possivelmente a cura no longínquo Portugal. Baldada esperança! O Golfo da Guiné tornava-se a líquida sepultura de mais um cadáver. Parti de Africa acompanhado, cheguei a Lisboa sózinho. Seja feita a vontade de Deus.

A-pesar-de o clima de algumas missões de Africa ser muito doentio, verdade que eu dolorosamente comprovara, no entanto um grande desejo me devorava de para cá voltar e continuar a fazer o apêlo da graça de Deus às almas abandonadas e perdidas.

Assim, há pouco mais de um ano que de novo parti. Estive algum tempo na missão do Bongo, onde activamente se tra-

O prêto têm certas qualidades físicas e até morais superiores às do branco, pôsto que não seja assim sob o ponto de vista intelectual, como é sabido. O que lhe falta é a civilização, a civilização cristã. Sem a civilização é nalgumas coisas como uma criança e noutras até como um irracional.

Sou o único missionário branco nesta missão, e por isso que fazer não me falta, porque tenho a responsabilidade de todos os serviços. Além dos serviços evangélicos pròpriamente ditos, temos os escolares, sanitários e agrícolas. Não há margem para aborrecimentos, porque a direcção, administração, magistério, secretariado e fiscalização absorvem o tempo todo. É preciso ser um pouco de tudo nas missões, mas o que é mais importante, evidentemente, é ter amor às almas, o amor de Cristo.

Tenho esperanças de que Deus continuará sendo com a obra nesta missão, e que em breve muitos mais se decidirão a seguir a Jesus e a transformar suas vidas.

Que o prezado leitor não se esqueça de orar pela conversão dêstes pobres selvagens das nossas colónias.

Jerónimo Falcão



← Cuale-Angola — O missionário faz às vezes de dentista...

Bongo-Angola — Durante um congresso adventista →



O trabalho missionário em Mungulúni



Mungulúni — O missionário Carlos Gouveia com sua família.

Na vasta colônia de Moçambique, a 190 kms. de Quelimane e 88 de Mocuba, para o interior em pleno mato, à altitude de 463 metros e afastada 5 km. da estrada municipal, está situada a povoação de Mungulúni, onde se encontra estabelecida desde Junho de 1935 a Missão Adventista do Sétimo Dia.

Esta Missão tem a emmoldurá-la, por assim dizer, belos montes que se elevam suavemente uns e bruscamente outros. Goza dum clima saudável,

tendo raros dias de grande calor. As chuvas são freqüentes como de resto em tôda a Colônia, registando-se porém as maiores de Dezembro a

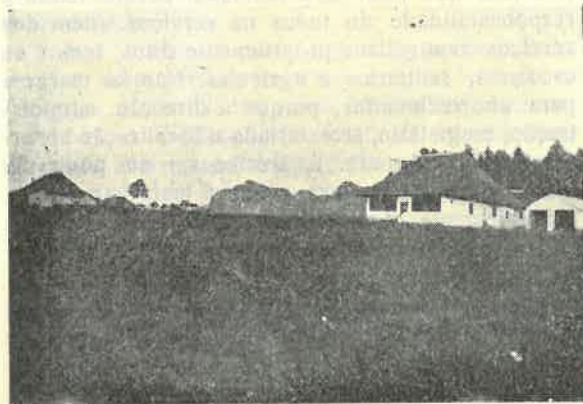
7.º Dia contra as trevas do paganismo, que roubam a esta pobre gente a saúde e o dinheiro.

A todos nós nos anima o bom desejo de trabalhar activamente em prol deste povo tornando-o mais forte, moral e fisicamente, e para isso fazemos freqüentes reuniões. Além das habituais reuniões que fazemos aqui na Missão, também muitas vezes saímos às aldeias vizinhas a pregar o Evangelho.

Há alguns meses atrás saí daqui da Missão com alguns rapazes que me levavam a bagagem, para uma aldeia que dista aproximadamente 16 kms. Estivemos lá durante 6 dias. No dia em que chegámos foi somente para armarmos as nossas barracas, mas nos outros dias: pela manhã saía a vi-



Mungulúni — Missionário com alguns indígenas dirigindo-se para as aldeias do mato



Sede da Missão de Mungulúni

Março, que são acompanhadas algumas vezes de grandes trovoadas e de monomocaias (espécie de ciclone). Os meses mais quentes são os de Novembro a Fevereiro e os mais frescos de Junho a Agosto. Os ventos mantêm-se quasi sempre; umas vezes mais fortes, outras mais fracas.

Nesta colônia de 771.133 kms. quadrados, a Missão de Mungulúni é a primeira guarda

avançada dos Adventistas do

Mungulúni—O pequenito Jack, livre pelo missionário de ser enterrado vivo

sitá-lós individualmente falando-lhes do Amor de Deus e do Sacrificio de Jesus; à tarde reunia-os para lhes voltar a dizer as mesmas coisas; e à noite mostrava-lhes projecções luminosas.

Direi que foi para mim agradável passar aquêles dias junto daquela gente, a vê-los interessados na Palavra de Deus. Alguns pediram para que lhes fôsse enviado um obreiro capaz de lhes falar aquelas coisas sempre, para que se não esqueces-

(Continua na pág. 14)



Missão de S. Tomé

São Tomé é uma deminuta ilha de 825 quilómetros quadrados, de beleza sem igual, jardim sempre viçoso, eterna primavera onde uma paleta



Membros da igreja de S. Tomé

reproduziria os quadros mais originais que a imaginação pode criar.

Todos os caprichos da natureza se manifestam neste rebento da imaginária Atlântida, que a fantasia humana pinta nas obras que os prelos têm semeado até aos mais recônditos cantos da terra.

S. Tomé ri e chora; ri porque o seu temperamento, talvez devido ao clima sempre banhado pelo sol ardente do equador, é alegre e prazenteiro; chora porque está de luto e êste luto entristece os seus filhos, que ainda bem lavados e perfumados



S. Tomé — Crianças filhos de crentes, que esperam por uma escola cristã

continuam pretos como a noite mergulhada nas mais densas trevas e escuros como a morte.

Nem o decorrer dos lustros, nem a moral prè-

gada dos púlpitos, têm modificado o viver do povo de S. Tomé nem contribuído para que os indígenas se sintam menos desgraçados.

Se nos dirigirmos aos mais eruditos historiadores e lhes perguntarmos onde está o berço da civilização, sem duvidarem apontar-nos-ão para aquele continente que se estende entre o Pacífico e o Mediterrâneo, e dir-nos-ão que foi ali que floresceram as ciências e as artes. Dalí saíram raios de luz que se dirigiram para o Ocidente, dissipando as trevas da ignorância, iluminando o Egito e a Grécia, servindo-se estas por sua vez das frágeis embarcações para se porem em contacto com as mul-



S. Tomé — Sede da Missão Adventista

tidões do ocidente deixando rastros luminosos do seu viver e pensar.

Quinze séculos antes de Cristo, tudo era oriental, viver, sentir e agir, mas só no ano 749 da fundação de Roma é que nasceu no mundo o fundador de uma nova civilização que, diferente da anterior, não saiu das faculdades nem dos laboratórios. Não teve nenhum chefe nascido no meio das comodidades de opulentos palácios, mas sim num humilde presepe de Belém, pequena cidade asiática onde Cristo apareceu.

O Cristianismo apoderou-se do coração da humanidade, proclamando a sua unidade, ensinando-nos a rezar o Pai Nosso, fazendo-nos reconhecer a todos como irmãos, filhos do mesmo Pai.

Tais foram as raízes lançadas no seio da terra pelas doutrinas do Galileu que a inegalável civi-

lização que durante dezanove séculos temos alcançado, não ostenta outro emblema de glória além do instrumento vil do martírio consumado no Gólgota.

Infelizmente, nem isto ainda serviu para elevar este povo e colocá-lo ao nível da civilização do século vinte, como se sobre ele repousasse uma maldição eterna.

Uma das recomendações do Nazareno aos seus seguidores foi: «Ide por todo o mundo, ensinai a todos a guardar os mandamentos de meu Pai».

As Missões Adventistas sentem a responsabilidade de levar ao mundo o bálsamo da esperança que as palavras de Jesus infundem no coração de quem as ouve e as acolhe com carinho.

Há já uns poucos de séculos que cruzeiros são levantadas nesta terra queimada pelo fogo, mas infelizmente os filhos de S. Tomé nada conhecem de Jesus nem honram a Deus com o seu viver.

O preto de S. Tomé é mais crente na feitiçaria do que na salvação concedida ao pecador pelo sangue de Jesus. Os noventa e nove por cento dos seus habitantes praticam a poligamia e são dados a tôdas as práticas de degradação.



S. Tomé — Grupo de crianças tendo ao centro a missionária Georgina Aurora Freire

As Missões Adventistas assentaram as suas tendas nesta terra para formar o indígena, instruindo-o e educando-o interior e exteriormente.

Embora ainda a colônia seja rica, a população nativa vegeta no meio da maior miséria quer moral quer material.

A seara em S. Tomé está madura. Necessitamos



S. Tomé — Candidatos ao casamento e baptismo

de obreiros para se conduzir este povo miserável e ignorante aos pés de Aquele que tanto nos amou e que morreu por nós.

As missões nas colônias têm um programa muito complexo: colonizar, moralizar, educar, instruir e fazer do indígena um cristão sincero que honre a Deus e se prepare para a vinda gloriosa de Jesus. Eis o lema das Missões Adventistas que trabalham nesta colônia.

Não queres tu, prezado leitor, participar nesta bela obra digna de toda a simpatia, ajudando-nos no levantamento moral e físico desta gente que de humana só tem a forma?

Uma vez mais temos a oportunidade de tomar parte neste grande movimento mundial.

Preparemos o indígena, elevando-o a um nível superior, para que amanhã ele possa ver no branco o instrumento que o ajudou a quebrar as algemas que o prendiam a uma vida de miséria e não o explorador que se compraz na sua desgraça.

Cristo veio ensinar que todos nós somos irmãos. Que este sentimento, prezado leitor, se traduza para ti numa realidade.

São Tomé, Maio de 1940.

José Freire

ESCLARECIMENTO

Esta publicação é apresentada ao público por membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, mercedores da máxima confiança. O produto da sua colocação reverte integralmente a favor das respectivas missões.

Qualquer informação poderá ser pedida por escrito a uma das sedes mencionadas na parte interior da capa, e oralmente pelos telefones 51439 ou 42169.

Nas ilhas de Cabo Verde

Estas dez ilhas, situadas a cerca de 300 milhas da costa ocidental da África, têm uma população de 155.000 almas.

As pessoas de cor constituem a maioria da população e, naturalmente, têm os seus costumes e superstições peculiares.

É na ilha da Brava que a nossa obra está estabelecida. Permitti-me contar-vos como foi aqui aberta a porta ao Evangelho. Há cerca de sete anos o irmão A. J. Gomes veio à Brava, em visita a seus parentes, e durante a sua permanência aqui, aproveitou a oportunidade de falar ao povo a respeito da terceira mensagem angélica. A principio encontrou alguma opposição, mas afinal um grupo de pessoas começou a manifestar algum interesse. Animado com isso, o nosso irmão deixou a ilha, prometendo que logo viria alguém para continuar a obra e para construir uma capela. No mês de Julho de 1935 cheguei eu, em companhia de minha família, a esta ilha.

O início da obra foi difícil, mas sinto-me satisfeito por poder dizer que o campo está agora pronto para esforços maiores. Temos uma bonita capela em Nossa Senhora do Monte. Há lá vinte e seis membros baptizados e outros mais estão-se preparando para o baptismo. No edificio temos uma sala bem equipada para escola e moradia para uma familia. Seria sem dúvida uma grande vantagem se tivéssemos uma escola já funcionando, não somente para os filhos dos nossos membros de igreja, mas também para as crianças da vizinhança, cujo carácter poderia ser transformado sob a influencia do Evangelho, o que poderia resultar em trazerem também os seus pais para a igreja. Mas isto é apenas um dos nossos muitos problemas.

Alugámos um salão num lugar pitoresco na

Vila de Nova Sintra, que é a povoação principal da ilha. Já contamos lá dez observadores do Sábado e muitas pessoas interessadas. As reuniões estão sendo bem frequentadas em ambos os lugares e cremos que, com o auxilio de Deus, muitos se decidirão a favor da mensagem da breve volta do Salvador.

Quanto à obra nas outras ilhas, podemos dizer que obtivemos os nomes e endereços de pessoas às quais estamos enviando uma série de folhetos. Em resultado disto, algumas se estão correspondendo connosco. Parece que as portas se estão abrindo nas ilhas de São Tiago e de São Nicolau. Sobre as viagens entre estas várias ilhas, temos de confessar que são uma lástima. Os faluchos são em geral mais pequenos que as faluas que navegam no nosso rio. O mar aqui é como o mar alto das costas portuguesas. Por vezes levanta-se vento contrário, sendo necessários muitos dias para chegar ao destino, a pontos de faltar a água e o alimento.

Para a obra ser iniciada nessas ilhas carecemos de mais evangelistas. Este é um problema para o qual se deve achar solução imediata, pois a necessidade é urgente.

Temos três jovens que desejam entrar na obra da colportagem. Outro partirá em breve para o Brasil, a fim de frequentar o Colégio Adventista, em Santo Amaro, e outro que ali se encontra está seguindo o curso ministerial. Espera formar-se em 1941.

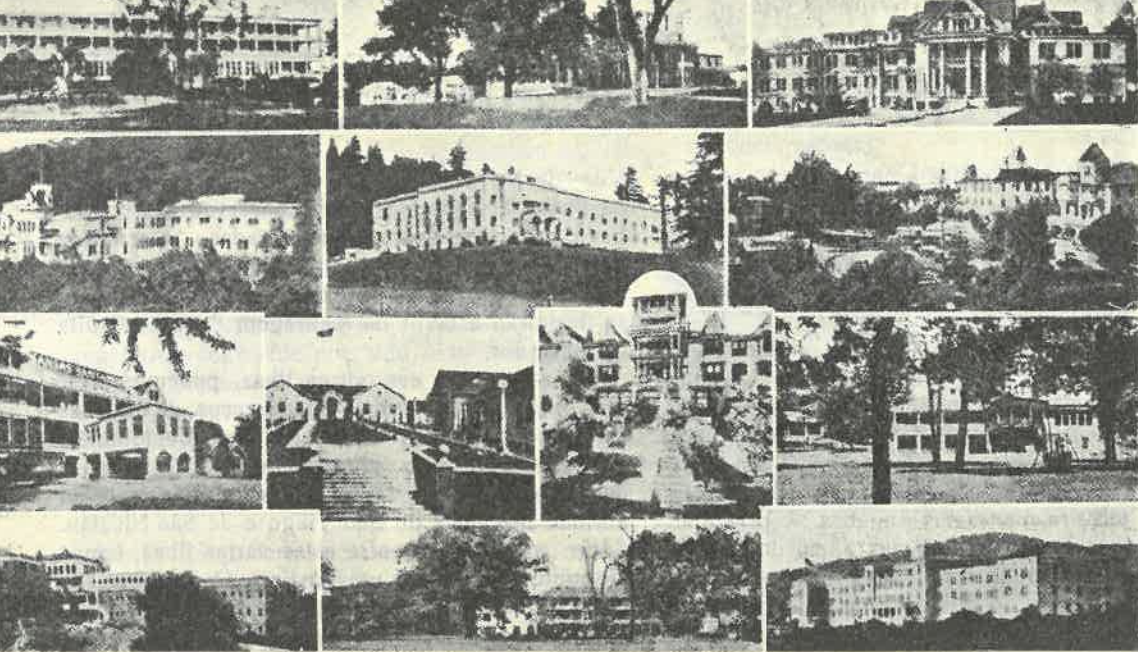
O povo das ilhas em geral é pobre. Mais missionários e mais meios serão necessários para continuar a obra dum modo eficiente.

Façamos o que estiver ao nosso alcance para auxiliar a obra nas Ilhas de Cabo Verde por meio das nossas orações e ofertas!

A. F. Raposo

*Missão da Brava,
Cabo Verde — Ju-
ventude com a mis-
sionária irmã Na-
zaré Raposo*





Grupo de sanatórios adventistas

gar para a assistência médica aos indígenas. Através dos campos missionários, têm montadas 159 instituições médicas, e nelas ou isoladamente trabalham 6.481 médicos, enfermeiras e demais pessoal de assistência sanitária.

Por tôda a parte os indígenas aguardam a vinda do missionário que lhes vá aliviar os sofrimentos. E em geral por meio da assistência médica missionária, carinhosamente exercida, que os indígenas sentem pela vez primeira o palpitar de um coração amigo, e que se lhes patenteia, como revelação inesperada, a larga simpatia humana que irradia do Evangelho e que os atrai irresistivelmente para Cristo.

Como uma das presentes gravuras indica, os pagãos da Índia *acorrem* em multidões, mas em vão, em demanda de paz e de cura que seus deuses lhes não podem conceder; essa ambicionada paz e cura só a pode conceder o médico por excelência — Jesus Cristo, e só a podem encontrar os pobres indígenas por meio dos mensageiros de Cristo — os missionários.



A
MI

dades, a
tistas não
p u deram
deixar de
incluir no
seu pro-
grama um
amplo lu-

OBRA MÉDICA DAS MISSÕES ADVENTISTAS

Jesus Cristo passou a Sua vida pública a pregar, ensinar e curar. Mas destas três actividades de curar foi talvez a que mais absorventemente o ocupou. E por isso que as missões adven-



Em cima : Centenas de milhares de hindus procurando, em vão, a paz e a cura nas águas sagradas do Ganges

Em baixo : Milhares de maometanos reunidos para uma festa e ocupando a rua enquanto recitam as suas orações (Calcutá)

Crenças fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia

Os Adventistas do Sétimo Dia crêem na SS. Trindade (S. Mateus 28:19). Isto leva-os a crer na preexistência de Cristo como é ensinada em S. João 1:1-3 e 8:56-58. Crêem que a vontade de Deus está expressa nas Escrituras, a que ordinariamente chamamos Bíblia, cuja origem divina é atestada em 2 Timóteo 3:16,17 e S. João 5:39.

Crêem na criação deste globo assim como de todo o universo (Salmo 33:6,9). As Escrituras ensinam que Cristo foi o agente empregado pelo Pai na criação (Hebreus 1:1,2; S. João 1:1-3; e Colossenses 1:13-17). Por causa da transgressão do

homem no Jardim do Eden, como está revelado em Génesis 3, reconhecem a condição caída do homem (Romanos 5:12); mas que, pelo grande amor de Deus, Ele deu Seu Filho para morrer pelo pecador (S. João 3:16); e que «assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só acto de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação da vida. Porque como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos». Romanos 5:18,19.

Crêem que é por esta divina interposição que Deus volta a criar o homem (2 Coríntios 5:17) e que o homem é nascido de novo (S. João 3:3). Este novo nascimento vem como resultado do arrependimento pela transgressão (Actos 3:19) e da confissão da nossa culpabilidade (1 S. João 1:9). Por esta confissão de nossa culpabilidade, que é a confissão de nossos pecados, reconhecemos que por natureza estamos sob a lei e que somos pecadores, porque «o pecado é a transgressão da lei» (1 S. João 3:4). Desde que a lei é imutável (S. Mateus 5:17-19), e desde que é a norma do juízo de Deus (Eclesiastes 12:13, 14), crêem que se tornou necessário que Aquêle «que não cometeu pecado» (1 S. Pedro 2:21-24) morresse em nosso lugar.

Como sinal de que sabem que estavam mortos em culpas e pecados e que era necessário que o velho homem fôsse despojado e sepultado, os Adventistas do Sétimo Dia praticam o baptismo por imersão, que é ensinado nas Escrituras (S. Mateus 3:14,17; Actos 8:34-39). Esta cerimónia simboliza o sepultamento do velho homem, o homem



Um missionário e sua esposa que levam o Evangelho e a saúde a centenas de indígenas, servindo-se do barco da missão

de pecado (Romanos 6:3-5; Colossenses 2:12), para que possamos levantar-nos para viver em novidade de vida. Tendo sido reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho quando éramos inimigos, seremos salvos pela Sua vida (Romanos 5:10). Eles crêem que as próprias vidas se deveriam conformar com a Sua vida, que deveriam mostrar a sua fé na morte do Senhor até que Ele venha celebrando a Ceia do Senhor (1 Coríntios 11:23-30). Os Adventistas do Sétimo Dia consideram a simplicidade de vestuário como relacionada com o ensino das Sagradas Escrituras (1 S. Pedro 3:2-4; 1 Timóteo 2:8-10). Credo que seus corpos são templos do Espírito Santo (2 Coríntios 6:16), consideram uma dieta saudável como essencial e evitam todas as práticas nocivas (1 Coríntios 10:31). Tendo, assim mostrado sua determinação em seguir o Senhor, crêem na Sua intercessão por eles; e reconhecem-no como seu grande Sumo Sacerdote, credo que «pode salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles». Hebreus 7:24-26.

Credo que cada mandamento do Decálogo é digno de obediência como uma prova do nosso amor por Deus (S. Tiago 2:12), os Adventistas do Sétimo Dia observam o Sábado, que é preceituado pelo quarto mandamento (Exodo 20:8-11). Reconhecem que o Sábado foi instituído na criação (Gênesis 2:1-3); que foi feito para o homem (S. Marcos 2:27,28), e não para alguma nação especial; que foi observado por Jesus (S. Lucas 4:16), guardado por Seus Apóstolos (S. Lucas 23:54-56 e 24:1), reconhecido pela Igreja primitiva (Actos 15:21) e que obriga ainda hoje a Igreja Cristã.

Crêem que o homem é por natureza mortal (Job 4:17); que ele atingiu êste estado pelo pecado; que o salário do pecado é a morte (Romanos 6:23); que na morte há cessação de toda a actividade corporal e espiritual (Salmo 115:17; 146:3,4; Eclesiastes 9:5,6); que o morto não vai por altura da morte para o céu, o inferno ou o purgatório, mas para a sepultura (Job 17:13); que a vida e a imortalidade são trazidas à luz só pelo Evangelho, e os homens, portanto, recebem a imortalidade só por meio de Cristo (2 Timóteo 1:10); que pela sua morte e triunfo sobre a morte Cristo tem as chaves da morte (Apocalipse 1:18); que era o desejo da primitiva igreja cristã que pudessem conhecê-lo e o poder da Sua ressurreição (Filipenses 3:10); que o morto justo ressuscitará na 2.^a



Chefe indígena recebendo um missionário adventista

vinda de Cristo (1 Tessalonicenses 4:16-18), vinda que será pessoal e literal (Apocalipse 1:7; Actos 1:9-11); e que a imortalidade e a salvação serão dadas aos santos tanto mortos como vivos nessa altura (1 Coríntios 15:51-55).

Os Adventistas do Sétimo Dia crêem que ao passo que os mortos justos ressuscitarão na segunda aparição de Cristo quando Ele vier para ser glorificado em Seus mortos, os ímpios apenas ressuscitarão passados mil anos, comumente conhecidos por milênio (Apocalipse 20:5-7). Seu castigo pelas transgressões de que se não tenham arrependido será a completa destruição (Filipenses 3:19). Serão recompensados sobre a terra (Provérbios 11:31) e nunca mais serão lembrados (Salmo 37:10).

Crêem que o fogo que destrói os ímpios purificará a terra (2 Pedro 3:10-12), e que um novo céu e uma nova terra aparecerão em harmonia com a promessa de Deus (Apocalipse 21:1); que esta nova terra será a habitação dos justos (S. Mateus 5:5) onde «não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor, porque já as primeiras coisas são passadas». Apocalipse 21:4. Crêem que o pecado nunca mais voltará a existir (Nahum 1:9).

Os Adventistas do Sétimo Dia crêem no pagamento do dízimo para a sustentação do ministério evangélico (Gênesis 14:20; Levítico 27:30; S. Mateus 23:23; 1 Coríntios 9:9-14). Crêem na completa separação da Igreja e do Estado (S. Mateus 22:17-22 e Romanos 13:1-7). Crêem também na divina missão de pregar o Evangelho a todo o mundo (S. Mateus 28:19,20), e que quando esta missão tiver sido realizada então virá Jesus (S. Mateus 24:30).

Página dos



Uncisse-Bongo, Angola — Alunos e mestre da escola rural

os pobrezinhos, e tão bondoso para os doentes (a quantos não curou...), mas sobretudo para as crianças que predileção e que ternura! Era vê-las, as criancinhas, tôdas em volta, a chilrear tontas de alegria, ou muito sérias a saborear as palavras que Lhe brotavam dos lábios, tão belas, tão suaves, como gotas de mel doirado...

Os grandalhões, todos carrancudos e senho-

Jesus e as criancinhas

Há quási dois mil anos, lá para a Terra Santa, vivia um grande, muito grande amigo dos pequeninos. Chamava-se Jesus. Não poisava em palácios de ricos; bem pobre que êle era! Mas não sei que tinha; gente de tôda a parte acorria em chusmas para O ouvir. E o bem que Êle falava! E era tão meigo para



A obra missionária a favor das criancinhas



Crianças de uma aldeia africana

res de si, não gostavam de ver Jesus assim rodeado por tão miúda gente.

E vá de a espantar, como se espantam pardais de loi-rejante seara.

Mas Jesus (que bondade!) continha os assomos dos grandalhões antipáticos, e com mais amor ainda e carinho dizia:

«Deixai os meninos, não os estorveis de vir a Mim; porque dos tais é o reino dos céus.»

E mais lhes acrescentava, aos tais que não gostavam dos pequenitos:

«Em verdade vos digo que se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus.»

pequenitos

Era assim o divino Jesus! Depois subiu ao céu, mas continua ainda a ser o mesmo terno amigo das criancinhas.

Criancinhas pobres, sem pão, nem vestidos, nem brinquedos, quantas não há por êsse mundo além...

Sabeis que mais lhes falta? Quem lhes leve Jesus, o seu amigo, e com Jesus o conforto e a alegria.

2.000 Actos de amor de Deus... num pacote

Luizito, nove loiras primaveras, vivo e irrequieto, é o buliçoso passarinho que alegra o lar onde vão florindo seus descuidados anos.

Tesoura em punho, corta que corta, ei-lo constantemente à procura de envelopes usados onde cubitados selos põem sua artística mancha. Selos que encontrem os colegas da escola, já sabem para quem são — para o célebre Luizito. Em casa tudo paga o seu tributo: as cartas da tia, a secretária do pai, o cesto dos papéis velhos...

Mas afinal que estranha mania aquela! Que grande colecção êle irá ter!

Um belo dia ei-lo que entrega ao paizinho para enviar para o correio, um pacote muito bem empacotado, com êstes dizeres: «2.000 actos de amor de Deus para as missões.»

É que o Luizito, de cada sêlo que ajuntava, di-



Misterioso olhar de uma pequenita negra

zia de si para consigo: «Já que não posso ir falar de Jesus aos pretos, vou ajuntando êstes selos, depois vendem-se e o que renderem manda-se para ajudar as missões.»

Era assim que êsses 2.000 sêlos representavam outros tantos actos de amor de Deus.



↓ Crianças asiáticas recolhidas na escola de uma missão adventista
Um pequenito africano olhando para os seus colegas europeus →



(Continuação da pág. 2)

Admitada a alta importância das missões como factor de progresso material, intelectual e moral do indígena, seria curioso determinar o lugar que lhes compete no capítulo colonização.

Está envelhecendo a idéia de que as colônias são criadas pela metrópole para a metrópole. O direito internacional, bem compreendido pelo nosso país e codificado no Instituto do Trabalho Indígena, já não admite uma colonização que simplesmente obedeça a superioridade da raça ou imperialismo de qualquer espécie, a um intuito de procurar saída à emigração, ou colocação ao capital e ao trabalho. Não se trata de saber se se tem necessidade de matérias primas, de tais minas ou poços de petróleo; nunca a necessidade justificou o roubo. Colonizar não consiste ainda em enriquecer um território com caminhos de ferro, minas, fábricas ou portos, com uma civilização puramente exterior, sem vantagens para o indígena, que — quantas vezes — passa o dia ao longo dos cais a carregar e descarregar navios, lembrando-se com saúde dos dias felizes em que vivia na sua pequena palhota.

A função de colonizar é mais nobre, porque colonizar é servir. É a bela missão que a Providência confiou às nações mais privilegiadas de, num acto magnifico de solidariedade humana, levar aos povos atrasados, sem preconceitos de côr ou de raça, as vantagens da sua cultura, ensinando-os a obter um melhor rendimento das coisas, collocando-os em condições de progresso económico, elevando-lhes o nível moral e intelectual, auxiliando-os com uma administração tutelar, respeitando todavia quanto possível a sua personalidade e evolução natural.

E porque colonizar é servir, ou seja, procurar o bem-estar do indígena, e o bem-estar do indígena não se obtem só com industrialização, mas com o factor espiritual também; porque colonizar impõe sacrificio, abnegação, desinteresse — e estas virtudes são diffíceis em quem prescindia dum ideal religioso, — por isso é que o missionário cristão, que não se dedigna de viver ombro a ombro com o mais humilde pária, e lhe pensa as feridas, lhe aquece o lar, lhe ilumina o espirito, lhe dá paz à alma, não pode deixar de constituir um coeficiente de suma importância em matéria de colonização.

Por isso escrevia no século passado um antigo Ministro das Colônias, João de Andrade Corvo, em sua obra *Estudos sobre as Províncias Ultramarinas*: «A propagação do Cristianismo em toda a sua pureza — livre de todos os abusos e erros, que o fanatismo, a relaxação dos costumes, e o esquecimento dos seus princípios fundamentais lhe tem introduzido, com o andar dos séculos, — seria um dos meios mais seguros de promover a civilização da África.»

(Continuação da pág. 4)

sem e se não desviassem dos preceitos do Senhor. Outros, porém, se bem que se tivessem mostrado sempre atentos, continuavam ainda acorrentados aos seus costumes pagãos e feitiçaria.

É triste para nós, europeus, que fomos criados numa atmosfera cristã, vermos estas pessoas tão apegadas a estes maus costumes que os levam a esquecer o amor da Família, do Estado e de Deus. Em suma: a esquecer tudo o que é verdadeiro, honesto, justo, puro, amável e de boa fama. Precisamos salvá-los custe o que custar.

Para lhes mostrar como a sua moral é tão baixa, segue a fotografia e história duma criança.

Faz 21 meses que êste pequeno jovem estava condenado a morrer com a mãe. A mãe havia morrido por ocasião do parto. E' costume entre elles quando uma mãe morre e deixa algum recém-nascido êste ser entregue a alguém da família para que o amamente. Mas, por infelicidade, o Jack não tinha ninguem que o pudesse amamentar, e assim a sorte que o esperava era ser sepultado vivo com sua mãe. Quis porém Deus que isto fôsse ao conhecimento do Director da Missão o qual com sua esposa correram imediatamente sollicitos a explicar áqueles tresloucados o hediondo crime que iam cometer; mas os seus corações endurecidos nem por isso se moveram; e foi assim que esta boa família resolveu então tomar conta do pequeno.

Tem-lhes custado, é verdade, algum dinheiro e tempo; mas nem por isso se sentem arrependidos, e hoje têm-lhe tanta afeição que tendo de ir êste ano de licença, manifestam pena de o deixar.

Há muitos e muitos exemplos neste género.

Que faremos nós? Vamos deixá-los perecer assim?

Estamos chegados aos últimos dias da humanidade. Peló rápido desenrolar dos acontecimentos mundiais sabemos que Cristo não tardará a voltar segunda vez, para recompensar cada um segundo as suas obras. Se nós não contribuirmos para a salvação deles, Deus requererá da nossa mão o seu sangue.

Precisamos pois salvá-los! Neste propósito nos encontramos aqui e pedimos a Deus o Seu auxilio para nos guiar nesta grande Obra que Lhe pertence; e aos nossos prezados leitores rogamos a sua preciosa ajuda; e Deus que tudo vê certamente os abençoará.

Carlos Oliveira Gouveia

É esta propagação do Cristianismo em toda a sua pureza, sem nos imiscuirmos em assuntos políticos, mas respeitando e cumprindo as leis do país, que estamos fazendo nas terras de além-mar.

Conduzido pela mão de Cristo e iluminado pelo Evangelho, é que o indígena há-de ingressar numa civilização que o valorize e nobilite.

Ernesto Ferreira

Pagãos selvagens transformados pelo Evangelho

«Nunca haverá paz entre os nativos daquela região. Os habitantes das duas montanhas têm-se sempre combatido mutuamente», disse-me um funcionário da colônia quando o abordei pedindo autorização para abrir a obra do Evangelho justamente no local de que êle falava.

Obtive a desejada autorização, e inicie o trabalho entre os indígenas. Alguns meses depois media já o local para uma igreja que os nativos tinham decidido construir. Estavam presentes dois chefes e uma grande multidão de pessoas de ambas as montanhas fronteiras, separadas apenas por um estreito vale. Os habitantes dessas montanhas haviam decidido unir-se para juntos construirem uma igreja. Um dêles disse :

«Tenho na mente um local onde penso que deveríamos construir a Igreja».

Pedi-lhe que me mostrasse êsse local, e segui-mo-lo até a um pequeno monte de areia no meio do vale. Ai voltou-se e disse :

«V. sabe que nós os moradores destas duas montanhas nos temos combatido continuamente, e que êste é o lugar onde nos encontrávamos para lutar. Numa das últimas batalhas morreu

Pretos levando suas ofertas para o Senhor



O contraste entre êstes dois irmãos — um cristão e outro pagão — é um mudo sermão em favor do Evangelho

aqui meu pai», e apontou para um local em frente.

«Agora começamos a aprender acêrca de Deus e de Seu amor por nós.

Proponho que edifiemos juntos a igreja no nosso antigo campo de batalha.»

Todos concordaram e se puseram à obra no mesmo dia.

Pouco tempo depois estava concluído o edificio.

Desde então tem havido paz entre os habitantes das duas montanhas.

O antigo campo de batalha é agora o local onde aqueles que antes eram pagãos selvagens se reúnem para ouvir falar de Jesus, «o Príncipe da Paz». **R. B.**

UM MILAGRE MODERNO

Velha, encarquilhada e repelente acima de tudo o que se possa imaginar; um pouco arqueada, e com uma expressão que claramente reflectia o mau estado de sua alma — tal foi a imagem que Kai-



Este jovem cristão indiano continuará a trazer através da vida o sinal da sua tribo pagã

kara produziu em meu espírito quando a vi pela primeira vez. Era uma pagã, uma sacerdotiza; suas palavras e conduta constituíam indicações bem claras de que ela era uma digna representante do príncipe das trevas.

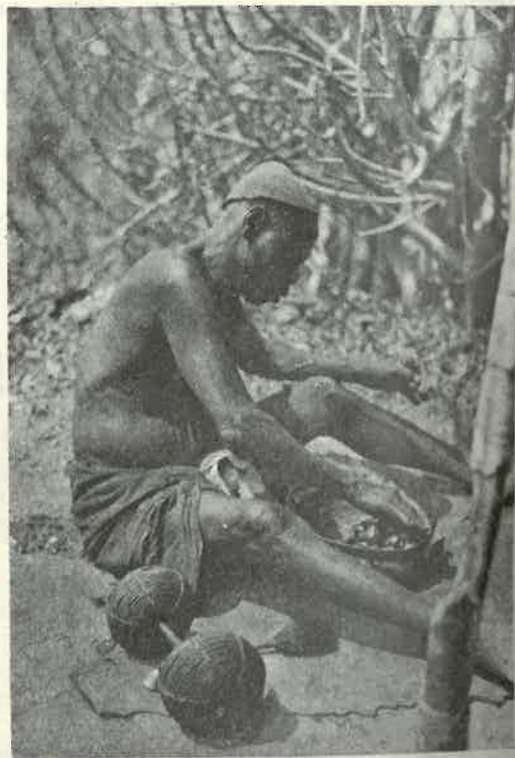
Lakeri era o seu amigo e companheiro, um pouco mais novo mas não melhor do que ela. Ambos eram nativos da Uganda; e encontrámo-nos pela primeira vez há já um par de anos.

Não foi o Evangelho da salvação que eles vieram ouvir, não! Não sentiam necessidade especial d'êles. Foi a obra médica missionária que os trouxe até nós. Tornámo-nos amigos; primeiro de Lakeri, e mais tarde de Kaikara. Ainda estou vendo Kaikara encolhendo-se durante algum tempo atrás de Lakeri quando eu estendia a mão para a saudar, como se fôsse alguma serpente venenosa. Mas ambos continuaram a vir sempre que fazíamos uma visita à aldeia. Dentro em pouco estavam regularmente presentes nas nossas reuniões.

Alistaram-se na classe baptismal. Trouxeram então seus deuses e feitiços. Um estranho olhar

se demorou nos olhos de Kaikara quando viu o seu último e por muitos anos predileto deus desaparecer em minha mala de mão. «Está triste por se desfazer d'êles?» — perguntei. Ela olhou, e que olhar! Quão diferente daquele que nós tínhamos visto dois anos antes! Uma nova luz brilhava agora naqueles negros olhos; e cada ruga naquela velha face respondia involuntariamente ao que o coração e a alma sentiam, e acrescentou com os lábios e olhos transformando todo o rosto num radioso sorriso de paz e de felicidade: «Oh, não! O meu Deus está agora no meu coração!»

Numa bela tarde de Sábado, Kaikara e Lakeri foram baptizados juntamente com outra mulher que *êles* tinham ganho para Cristo. Com ousadia e santo zêlo puseram-se a proclamar esta experiência de suas vidas. Todos sabiam o que *êles* tinham sido; todos deviam ver o que *êles* eram agora. E assim sucedeu que algumas centenas de pessoas testemunharam êste milagre moderno, que vem confirmar mais uma vez o velho versículo:



Lucusse, Angola — Feiticeiro

«O Evangelho de Cristo... é o poder de Deus para salvação de todo aquêles que crê».

Milhões em treva, miséria e pecado estão ainda aguardando semelhante experiência. Terão *êles* de esperar em vão?

P. E

Sedes das Congregações Adventistas

LISBOA : Rua Joaquim Bonifácio, M. A.
PORTO : Rua de Santo Ildefonso, 376, 2.º
PORTALEGRE : Rua dos Muros
TOMAR : Rua Dr. Madureira, 29
COIMBRA : Rua da Moeda, 96, 1.º
BARREIRO : Rua Vinte de Abril
VILA REAL DE S.º ANTONIO, Rua Heliodoro Salgado, 143
FUNCHAL : Rua António José de Almeida, 9
PONTA DELGADA : 1.ª Rua de Santa Clara, 2
BRAVA (Cabo Verde) : Nossa Senhora do Monte
NOVA LISBOA (Angola) : Caixa Postal, 3
MISSÃO DE MUNGULUNI : Correio de Munhamade, Queli-
mane — Moçambique

Suplemento da

Revista Adventista

Órgão da

**União Portuguesa das Igrejas
Adventistas do Sétimo Dia**

Editor : Pedro B. Ribeiro

Preço avulso..... 5\$00

Composto e impresso na Imp. LUCAS & C.ª
59, Rua do Diário de Notícias, 61 — LISBOA

Barco missionário

de visita a uma aldeia

